

40 27 AGO 2004

# Pesquisa mostra a cara de Ceilândia <sup>DF</sup>

Quase toda a população da cidade conta com água, esgoto e coleta de lixo, mas ainda sofre com baixa educação e renda

HELENA MADER

Criada em 1971, Ceilândia detém hoje o título de maior cidade do DF. Desde sua inauguração, a satélite passou por mudanças profundas. Hoje, 98% dos 332 mil moradores da cidade têm acesso a água potável, redes de esgoto e coleta de lixo, mas ainda enfrentam problemas graves como a baixíssima escolaridade e o achatamento da renda familiar. Esta radiografia da cidade faz parte da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios, divulgada ontem e que ainda será realizada no restante do DF.

Os dados foram coletados pela Secretaria de Planeja-

mento e pela Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). As informações seguem os moldes dos levantamentos realizados nacionalmente pelo IBGE e serão atualizadas anualmente.

— A pesquisa permite o conhecimento socio-econômico do Distrito Federal e vai ajudar o governo a definir suas ações. O DF é uma região nova e sofre modificações frequentes, por isso é importante ter informações atualizadas para desenhar a política do governo — explica o secretário de Planejamento, Ricardo Penna.

O administrador de Ceilândia, Rogério Rosso, garan-



**LUIZ** Ferreira vive com a família em Ceilândia e elogia clima da cidade

te que o levantamento vai ajudar a traçar as ações do governo no local. Rosso apontou como principal problema

a baixa escolaridade — 34% dos moradores de Ceilândia têm 1º grau incompleto.

— Vamos investir no ensino

profissionalizante, fazendo parcerias com Sesc, Senai e Sebrae. A pesquisa mostrou que a população de Ceilândia é muito jovem, é preciso pensar em ações que contemplem essa faixa etária.

Mais da metade da população de Ceilândia — 51% — nasceu no DF. Mas a cidade ainda tem arraigada a influência dos migrantes nordestinos que se instalaram no local: 32% dos moradores vieram do Nordeste.

O aposentado Luiz Ferreira chegou ao DF em 1995, deixando para trás sua cidade natal, Barra do Corda, no Maranhão. Depois de nove anos morando em Ceilândia, ele garante que não troca a cida-

de por nenhuma outra.

— Apesar de problemas como insegurança e falta de escolas de 2º grau, Ceilândia guarda um clima de cidade do interior — conta o aposentado, que divide sua casa no centro de Ceilândia com seis pessoas da família.

A pesquisa mostrou também que 30,6% dos moradores da cidade trabalham sem carteira assinada. Segundo Rogério Rosso, a informalidade faz parte do cotidiano da satélite.

— Mas com a construção do shopping popular vamos trazer essas pessoas para o mercado formal e depois estimular o acesso ao microcrédito — comenta Rosso.

José Paulo Lacerda/Ag. Pixel